

ânimo, uma supersensibilidade, um cansaço e uma curiosidade dos nervos que uma vida cheia de dissolutas paixões e prazeres quase não consegue produzir.

Vários negócios de natureza mundana e literária ainda prenderam o viajante por duas semanas, depois daquele passeio em Munich. Finalmente deu ordem que sua residência de verão fôsse preparada para dentro de quatro semanas e viajou num dia, entre meados e fins de maio, de noturno para Trieste onde ficou apenas por vinte e quatro horas e de onde embarcou na manhã seguinte para Pola.

O que procurava era o estranho e o sem relação, que, porém, seria fácil de alcançar e assim fêz uma estada numa ilha adriática, não longe da costa Ístria, afamada há alguns anos, com belos trechos rasgados de recifes lá onde o mar era aberto, habitado por um povo camponês em trapos coloridos e falando em sons absolutamente estranhos. Porém, a chuva e o mormaço, um coeso grupo provinciano austríaco, como companheiros de hotel, e a carência daquela quieta e efusiva relação ao mar que só uma suave praia arenosa concede, desgostaram-no, não o deixavam obter a consciência de ter acertado o lugar de seu destino; uma compulsão interior, com um objetivo que ainda não lhe era claro, deixou-o desassossegado, estudou rotas de navios, procurando, olhou em redor e, de repente, ao mesmo tempo surpreendente e natural, o seu destino estava em frente de seus olhos. Se, de um dia para outro, desejava alcançar o incom-

parável, o quimérico diferente, para onde ia? Mas isso era claro! Que fazia aqui? Errara o caminho. Para lá desejava viajar. Não perdeu tempo em avisar sua partida da estada errônea. Uma semana e meia depois de sua chegada à ilha, numa manhã nebulosa, uma rápida lancha a motor levou-o e a sua bagagem sobre a água, de volta ao pôrto de guerra; lá só foi à terra para imediatamente subir, por uma prancha, ao convés úmido de um navio que zarpava para Veneza.

Era uma cômoda embarcação de nacionalidade italiana, antiquada, fuliginosa e sombria. Numa cabina cavernosa da parte interna, artificialmente iluminada, para onde Aschenbach logo depois de sua chegada foi levado por um marinheiro corcunda, sujo e de sorridente solicitude; sentado atrás de uma mesa, o chapéu de lado na testa e um tóco de cigarro no canto da boca, um homem de pêra, fisionomia de um velho diretor de circo, que, com pantomimas de leves atitudes comerciais, tomava nota dos documentos de identidade dos viajantes e tirava as passagens.

— Para Veneza!, repetiu o pedido de Aschenbach, esticando o braço e empurrando a caneta no conteúdo pastoso, restante no tinteiro inclinado. Para Veneza, primeira classe! Está servido, meu senhor!

E escreveu garranchos, espalhou a areia azul de uma lata sobre a escrita, deixou-a escorrer para a tigela de barro, dobrou o papel com dedos amarelos e ossudos e escreveu de novo.